

PHILIP SHENON

Anatomia de um assassinato

A história secreta da morte de JFK

Tradução

George Schlesinger

Jairo Arco e Flexa

Pedro Maia Soares

Pedro Sette-Câmara

Copyright © 2013 by Philip Shenon

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

A Cruel and Shocking Act: The Secret History of the Kennedy Assassination

Capa

Rick Pracher

Créditos das fotos

p. 25: Cortesia de Everett Collection; p. 79: Cortesia de The Sixth Floor Museum at Dealey Plaza;
p. 439: © Bettmann/CORBIS; p. 539: © Rene Burri/ Magnum Photos

Preparação

Silvana Afram

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Huendel Viana

Jane Pessoa

<ficha catalográfica>

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prólogo.....	II
PARTE I — 22 A 29 DE NOVEMBRO DE 1963	25
PARTE II — A INVESTIGAÇÃO	79
PARTE III — O RELATÓRIO	439
PARTE IV — CONSEQUÊNCIAS	539
<i>Nota do autor</i>	595
<i>Notas</i>	611
<i>Referências bibliográficas</i>	651
<i>Agradecimentos</i>	659
<i>Índice remissivo</i>	665

PARTE I

22 a 29 de novembro de 1963

O caixão do presidente Kennedy na rotunda do Capitólio, 25 de novembro de 1963.

I.

CASA DO COMANDANTE JAMES HUMES
BETHESDA, MARYLAND
SÁBADO, 23 DE NOVEMBRO DE 1963

Poucas horas depois do regresso do corpo do presidente a Washington, as provas sobre o assassinato começaram a desaparecer dos arquivos do governo. Anotações feitas por patologistas militares e o rascunho original do relatório da autópsia foram incinerados.

O comandante da Marinha, dr. James Humes, disse mais tarde que ficou estarecido ao saber que sua manipulação da papelada hospitalar na noite de sábado, 23 de novembro, poderia ser considerada a primeira tentativa governamental de encobrir fatos. Ainda assim, admitiu, deveria ter sido mais ponderado. “O que aconteceu foi decisão minha e somente minha”, recordou-se. “De mais ninguém.”¹

Por volta das 23 horas, o patologista de 38 anos sentou-se a uma mesa de baralho na sala da família, em sua casa em Bethesda, no subúrbio de Washington em Maryland, preparando-se para repassar suas anotações do necrotério.² Ele presumiu que lá ficaria durante horas, redigindo e editando o relatório final da autópsia. Acendera o fogo na lareira, que fornecia um pouco de calor naquela noite de começo de inverno.

Na noite anterior, ele havia liderado a equipe de três patologistas que conduziu a autópsia do presidente no Centro Médico Naval de Bethesda. Durante o dia não tivera tempo de terminar a papelada, disse. Assim, estava agora sentado sozinho, esperando achar energia para completar seu relatório em paz. Precisava apresentar uma cópia final a seus colegas para suas assinaturas; eles tinham ordens de enviar o relatório para a Casa Branca no domingo à noite.

Humes estava exausto. Tinha conseguido algumas poucas horas de sono naquela tarde, mas não dormira absolutamente nada na noite de sexta-feira. “Fiquei no necrotério das 19h30 às 5h30 da manhã”, disse ele mais tarde. “Não cheguei a sair da sala.”

Foi na sexta-feira à tarde, com os terríveis relatos ainda jorrando de Dallas, que Humes, o patologista de mais alto escalão de Bethesda, foi informado de que supervisionaria o post mortem do presidente. Foi-lhe dito que aguardasse a chegada do corpo em algumas horas. Jacqueline Kennedy inicialmente resistira à ideia de se fazer uma autópsia; a visão do corpo do marido deitado numa fria mesa de aço para dissecação parecia um horror a mais num dia já cheio de horrores. “*Não precisa ser feita*”, disse ela ao médico pessoal do presidente, o almirante George Burkley, enquanto voavam no Air Force One de Dallas a Washington.³ Estava sentada com o caixão do presidente no compartimento traseiro do avião. Burkley, que provara ser um amigo leal e discreto da família Kennedy, delicadamente a convenceu de que havia necessidade de realizar uma autópsia. Para ela, sempre fora um conforto que ele fosse um correligionário católico romano, especialmente devoto, e nesse momento confiaria em seu conselho mais do que em qualquer outro. Ele a lembrou que o marido fora vítima de um crime e que a autópsia era uma exigência legal.⁴ Ofereceu a ela a opção entre o Centro Médico Walter Reed, do Exército, em Washington, ou o Hospital da Marinha em Bethesda. Os dois hospitais ficavam a cerca de apenas doze quilômetros de distância um do outro. “O presidente foi da Marinha”, Burkley lembrou-a. “Claro”, disse ela. “Bethesda.”

A escolha foi uma decisão que mesmo alguns médicos da Marinha questionaram. Os patologistas veteranos do Exército no Walter Reed tinham muito mais experiência em analisar ferimentos a balas do que seus colegas da Marinha. (Era um fato óbvio que soldados estavam mais sujeitos a morrer por tiros de armas de fogo do que marinheiros.) O comandante J. Thornton Boswell, outro patologista de Bethesda, foi designado para assistir Humes e pensou que era “tolice” fazer a autópsia no hospital da Marinha, dados os outros recursos nas proximidades.⁵ Achou que o

corpo do presidente deveria ter sido levado para o Instituto de Patologia das Forças Armadas no centro de Washington, um núcleo de pesquisa do Departamento de Defesa que lidava com autópsias médico-legais de todos os ramos militares. Nem Humes nem Boswell tinham credenciais em patologia forense, um ramo da patologia que focaliza mortes violentas ou inesperadas, de modo que foi acrescentado um terceiro membro à equipe: o dr. Pierre Finck, patologista forense do Instituto das Forças Armadas. Finck era tenente-coronel no Corpo Médico do Exército.⁶

O que poderia recomendar o Bethesda era a sala de autópsia em si.⁷ Todo o necrotério acabara de ser renovado e equipado com sofisticado equipamento médico e de comunicação. “Tínhamos mudado para lá poucos meses antes”, recordou-se Humes. “Tudo estava novinho em folha.” Era uma sala de autópsia espaçosa pelos padrões dos hospitais militares, cerca de 8 x 10 metros, tendo no centro uma mesa de aço para dissecação fixada no piso.⁸ A sala também funcionava como auditório, com uma plataforma de observação numa das paredes permitindo que até trinta pessoas — geralmente médicos residentes ou visitantes — assistissem aos procedimentos. Havia, além disso, um circuito fechado de televisão para que plateias do outro lado da rua, no Instituto Nacional de Saúde, a algumas quadras, na clínica médica da Base Aérea de Andrews, pudessem observar à distância. (Humes disse mais tarde que gostaria que alguém tivesse ligado a câmara naquela noite, para acabar com a “absurda especulação” sobre o que se passara.) O necrotério incluía grandes armários refrigerados capazes de armazenar até seis cadáveres, bem como uma área com chuveiros para os médicos. Na noite da autópsia do presidente, os patologistas precisariam de cada centímetro quadrado do espaço.

O corpo do presidente chegou por volta das 19h30.⁹ O caixão de bronze foi conduzido sobre um carrinho por uma rampa que vinha da rua. O corpo foi delicadamente retirado do caixão e — depois de fotos e raios X de cada parte do corpo — posto sobre a mesa de autópsia, onde permaneceria durante a maior parte das dez horas seguintes. Os ferimentos no crânio não estavam visíveis, uma vez que haviam sido cobertos com lençóis em Dallas. Depois de retirar o tecido encharcado de sangue, Humes ordenou que todos os lençóis fossem lavados imediatamente. “Tínhamos uma máquina de lavar no necrotério, e ele os enfiou lá dentro”, recordou-se Boswell. Humes ficou preocupado desde o início que algo retirado da sala de autópsia surgisse como suvenir mórbido em alguma quermesse rural. “Ele não queria que os lençóis algum dia aparecessem num celeiro no Kansas.”

A autópsia foi um “verdadeiro circo de três picadeiros”, queixou-se Boswell.¹⁰ Dúzias de pessoas — médicos e ordenanças da Marinha, técnicos de raios X e fotógrafos médicos, agentes do Serviço Secreto e do FBI, oficiais militares e administradores do hospital — estavam ou dentro do necrotério ou empurrando a porta para entrar. Os patologistas disseram que os agentes do Serviço Secreto que haviam acompanhado o corpo para Bethesda, inclusive alguns que tinham estado em Dallas naquele dia, estavam desorientados. O homem que eles haviam jurado proteger, mesmo com o custo de suas próprias vidas, estava morto. O que estavam protegendo agora? “Aqueles pessoas estavam em tal estado emocional que ficavam correndo em círculos feito galinhas com as cabeças cortadas, e nós entendíamos a situação delas”, Boswell disse mais tarde.¹¹

Burkley, o médico do presidente, havia acompanhado o corpo ao Bethesda e de início tentou assumir o controle da autópsia. Como almirante, ele normalmente estaria em posição de dar ordens aos patologistas da Marinha de escalão inferior, mas sua formação médica era em clínica geral e cardiologia, e suas recomendações encontraram resistência raivosa por parte de Humes e dos outros patologistas. A princípio, Burkley tentou argumentar que era desnecessária uma autópsia completa. Disse que, já que o suposto assassino, Lee Harvey Oswald, estava detido em Dallas, e parecia haver pouca dúvida sobre sua culpa, não havia necessidade de procedimentos que pudessem desfigurar seriamente o cadáver do presidente. Ele sabia que a família Kennedy estava ponderando a possibilidade de deixar o caixão aberto para a visualização do corpo antes do funeral.¹² Burkley queria limitar a autópsia a “apenas encontrar as balas”, disse Boswell.

Humes rejeitou a ideia do almirante como absurda, dado o perigo de se perder algo importante num post mortem apressado, e Burkley recuou, embora insistisse para que agissem depressa. “A principal preocupação de George Burkley era: vamos acabar com isso o mais rápido possível”, Humes disse depois, recordando sua contrariedade. Burkley parecia preocupado acima de tudo com o efeito da demora sobre a sra. Kennedy, que esperava com Robert Kennedy e outros familiares e amigos na suíte VIP do hospital, no 17º andar. Ela anunciara que não deixaria o Bethesda até poder levar o corpo do marido consigo. Humes disse que se contraiu todo ao pensar no que ela devia estar passando; sabia que ela ainda estava vestindo o tailleur rosa manchado de sangue que ele vira na televisão. (De fato, ela se recusara a trocar de roupa. “Que eles vejam o que fizeram”, dissera a Burkley em tom de desafio.)¹³ Ainda assim, por mais que

se solidarizasse com a sra. Kennedy, Humes sentia-se pressionado por sua presença no hospital. “Isso nos molestava e causava dificuldade”, lembrou-se ele.

Burkley tinha outra solicitação para os médicos da autópsia, e quanto a esse ponto foi insistente.¹⁴ Pediu a Humes que promettesse que o relatório dos patologistas ocultaria um fato importante sobre a saúde do presidente que não estava relacionado ao assassinato. Não queria menção nenhuma sobre a condição das glândulas suprarrenais de Kennedy. O médico da Casa Branca sabia que um exame das suprarrenais revelaria que o presidente — apesar de anos de negativas públicas — sofria de um distúrbio crônico potencialmente letal, a Doença de Addison, na qual as glândulas que se encontram acima dos rins não produzem hormônios suficientes. Kennedy podia ter a aparência corada de uma excelente saúde, mas Burkley sabia que muitas vezes isso era resultado de maquiagem e outras encenações para as câmeras. O presidente sobrevivia devido a suplementos hormonais diários, que incluíam altas doses de testosterona.

Humes, ansioso para começar, concordou. “Ele prometeu a George Burkley que jamais discutiríamos as suprarrenais até que os membros da família Kennedy então vivos tivessem todos morrido, ou algo desse tipo”, disse Boswell, que concordou com o plano, ainda que fosse uma escandalosa violação de protocolo.¹⁵ Dias depois da autópsia, Burkley se dirigiu a Humes com outro pedido secreto, dessa vez relativo ao manuseio do cérebro do presidente, que fora removido da caixa craniana para análise depois da autópsia.¹⁶ Conforme solicitado por Burkley, Humes enviou o cérebro, preservado em formol num recipiente de aço no Bethesda, para a Casa Branca a fim de que pudesse ser discretamente enterrado com o corpo do presidente.* “Ele me disse de forma categórica que a decisão havia sido tomada e que ele ia levar o cérebro e entregá-lo a Robert Kennedy”, lembrou-se Humes.¹⁷

* O paradeiro do cérebro do presidente veio a se tornar mais um mistério. Em 1979, uma comissão especial do Congresso que reinvestigava o assassinato do presidente, o Comitê Selecionado da Câmara para Assassinatos, disse ter ficado sabendo pelo dr. Burkley que ele havia transferido o recipiente de aço inoxidável lacrado contendo o cérebro para a ex-secretária de Kennedy, Evelyn Lincoln, que o guardou por um tempo durante 1964 no Arquivo Nacional. O comitê disse que foi informado pelo ex-professor da Escola de Direito de Yale, Burke Marshall, que representava os executores do inventário de Kennedy, que desconfiava que Robert Kennedy acabara obtendo o cérebro e outras provas da autópsia, “tendo se livrado pessoalmente desse material, sem informar a mais ninguém”. Marshall disse que “Robert Kennedy estava preocupado com a possibilidade de esses materiais serem levados a exibição pública em anos futuros numa instituição como o Smithsonian e quis se desfazer deles para eliminar tal possibilidade”. (Comitê Selecionado da Câmara para Assassinatos, v. VII, “Evidências médicas e de armas de fogo”, março de 1979.)

O trabalho de Humes na noite da autópsia foi dificultado por outros motivos. Nas horas que se seguiram à morte do presidente, o medo de que o assassinato fosse obra de uma conspiração, e que os conspiradores pudessem atacar de novo, foi tópico de inflamada discussão nos corredores do Bethesda. Enquanto Humes e sua equipe iniciavam os trabalhos, ouviam colegas falando sobre como os russos ou cubanos poderiam estar por trás do assassinato, e como Lyndon Johnson, que prestara juramento como presidente algumas horas antes, poderia ser o próximo alvo.

Os médicos começaram a se preocupar com a própria segurança.¹⁸ Se fosse uma conspiração, os assassinos poderiam querer ocultar a verdade sobre como exatamente o presidente morrera. Seria possível que os patologistas do Bethesda também pudessem ser silenciados, ou suas provas apreendidas e destruídas? “Parecia que podia haver algum tipo de conluio” por trás da morte de Kennedy, Boswell lembrou-se de ter pensado. “Qualquer um podia estar sujeito a ser morto.” O oficial superior de Humes ficou tão alarmado com essa ameaça potencial que ordenou que Boswell se assegurasse de que Humes, que assumira a responsabilidade de redigir o relatório, chegasse em casa a salvo. “Então entrei no meu carro atrás de Jim Humes e o segui até em casa”, conta Boswell.

Quando Humes finalmente entrou em casa pela porta da frente por volta das sete horas da manhã, não teve oportunidade de pôr suas ideias em ordem, muito menos de dormir. Tinha programado levar o filho à igreja para a Primeira Comunhão do menino — Humes estava determinado a estar lá — e sabia que precisaria voltar ao Bethesda em algumas horas para uma conversa telefônica com os médicos do Hospital Memorial Parkland em Dallas que haviam tentado, em vão, salvar a vida de Kennedy. Mais tarde Humes reconheceu que deveria ter deixado a sala de autópsia e conversado com os médicos do Parkland em algum momento na sexta-feira à noite, mas estava sob muita pressão para terminar. “Não havia jeito de sairmos da sala”, Humes disse depois.¹⁹ “Era preciso entender aquela situação — a situação histórica — que existia. Como conseguimos manter nosso juízo e fazer o que fizemos é impressionante para mim.”

O telefonema no sábado para o dr. Malcolm Perry, o principal médico do Parkland a atender Kennedy, resolveu um mistério central para Humes. Não houvera dúvida entre nenhum dos médicos em Dallas ou Bethesda quanto à causa da morte de Kennedy — o ferimento maciço na cabeça, provocado por uma bala que estourou grande parte do hemisfério direito do cérebro, uma imagem

capturada em fotografias terríveis. O mistério dizia respeito ao que parecia ser a primeira bala a atingir o presidente, que penetrou pela parte superior das costas ou pescoço e deveria ter permanecido relativamente intacta ao passar por tecido mole. Onde fora parar? Os patologistas do Bethesda não puderam encontrar nenhum ferimento de saída óbvio.

Humes e seus colegas debateram-se com a questão durante horas; foi um dos motivos de a autópsia ter demorado tanto tempo. “Tirei raios X do corpo do presidente da cabeça aos pés pela simples razão de que ocasionalmente projéteis fazem coisas estranhas dentro de um corpo humano”, Humes contou.²⁰ Muitas vezes as balas correm em zigue-zague quando atingem o tecido, mesmo que disparadas de um ângulo direto, explicou ele. “Poderia estar na coxa dele, ou então nas nádegas. Poderia estar em qualquer lugar.” Enquanto trabalhavam, Humes e os outros conversavam sobre a possibilidade improvável de a bala ter caído pelo ferimento de entrada quando o coração do presidente foi massageado para tentar restaurar seu batimento — especulação que ganhou força no relatório de agentes do FBI que observaram a autópsia.

Durante o telefonema, Perry teve uma explicação para a bala desaparecida. Os médicos do Parkland haviam realizado uma traqueostomia, cortando a traqueia destrocada do presidente para permitir sua respiração, exatamente no ponto onde havia um pequeno ferimento na frente da garganta, perto do nó da gravata. Quem sabe seria o local por onde a bala saía? “No instante em que ele disse isso, uma luzinha se acendeu e nós dissemos: ‘Ah, temos um lugar para onde nosso projétil pode ter ido’”, disse Humes.²¹ A traqueostomia, presumiu ele, havia destruído a prova de um orifício de saída. Os médicos jamais poderiam ter certeza de onde aquela bala tinha ido parar, mas ao menos agora sabiam por onde ela tinha saído — pela garganta do presidente.

Naquele sábado à noite, quando Humes sentou-se à sua mesa de baralho perto da lareira na sala da família, notou faixas de sangue — sangue do presidente — que manchavam cada página de suas anotações feitas na sala de autópsia, bem como cada página do rascunho do relatório.²² Posteriormente recordou-se de ter sentido repugnância por todas aquelas manchas.

Lenta e cuidadosamente, começou a transferir a informação das suas notas para folhas de papel limpas. “Sentei-me e copiei palavra por palavra do que tinha

em papéis novos”, disse Humes mais tarde.²³ Isso levou horas. Seu bem folheado exemplar do *Stedman’s Medical Dictionary* estava junto ao seu cotovelo: ele não queria erros ortográficos no relatório que apresentaria à Casa Branca.

Apenas Humes sabia o que o motivou a fazer o que fez a seguir. Haveria erros constrangedores no relatório original da autópsia e nas suas anotações que ele queria corrigir? Teria ele tentado ajustar os ferimentos de entrada e saída das balas? Além da sua promessa a Burkley de eliminar qualquer referência às glândulas suprarrenais do presidente, teria deixado de fora mais alguma informação? Será que isso lhe foi ordenado? Qualquer que tenha sido o motivo, Humes decidiu — sentado à mesa de baralho em sua casa — destruir cada pedaço de papel sob sua custódia, exceto o novo relatório. Estava determinado, disse ele, a impedir que os documentos ensanguentados caíssem nas mãos de “vampiros mal-intencionados”.

Anos depois, Humes admitiu que não compreendeu plenamente as implicações de seus atos e reconheceu que eles podem ter ajudado a alimentar as teorias conspiratórias que o perseguiram pelo resto da sua carreira. Tentou reconstituir seu modo de pensar: “Quando notei que aquelas manchas de sangue estavam nos documentos que preparei, eu disse: nunca ninguém vai pegar esses documentos”.²⁴

Humes deu uma última olhada nas notas e no relatório original antes de se levantar e caminhar até a lareira.²⁵ Jogou as páginas manchadas de sangue do rascunho original da autópsia no fogo e observou as chamas transformarem o papel em cinzas. Depois, também lançou no fogo as suas anotações da sala de exame.

“Queimei tudo que tinha, exceto o relatório final”, disse ele. “Não quis que restasse mais nada. Ponto final.”

EXECUTIVE INN

DALLAS, TEXAS

SÁBADO, 23 DE NOVEMBRO DE 1963

Na cidade em que o presidente fora morto, a destruição de provas começou um dia depois do assassinato. Na sexta-feira, horas depois de saber da prisão do marido, Marina Oswald lembrou-se das “estúpidas fotografias” que havia tirado

de Lee no quintal da casa deteriorada em New Orleans onde o casal tinha morado antes, naquele ano.²⁶ As fotos mostravam um Lee sorridente, vestido de preto, segurando o rifle que comprara por correio numa mão, enquanto segurava na outra dois jornais de esquerda, *The Militant* e *The Worker*. Havia uma pistola num coldre em sua cintura.

Na sexta-feira à noite, depois de horas do interrogatório inicial por parte do FBI e da polícia de Dallas, Marina foi autorizada a voltar para a casa de Ruth Paine, uma amiga local que falava um pouco de russo. Marina, a russa de 22 anos admiravelmente bonita que se casara com Oswald durante a sua fracassada deserção para a União Soviética, tinha morado na casa de Paine por várias semanas naquele ano, enquanto Oswald vivia em outro lugar, primeiro em New Orleans, procurando emprego.

Ao voltar para casa, Marina achou as fotos, que havia escondido num álbum de fotografias de bebê, e as mostrou para a sogra, Marguerite Oswald. Elas mal se conheciam — Oswald sempre alegara odiar a mãe e recusava-se a vê-la —, e as duas sras. Oswald se reuniram apenas por causa do assassinato. Marina falava apenas umas poucas palavras de inglês.

“*Mama, mama*”, disse Marina, mostrando as fotos para a sogra.

A sra. Oswald pareceu chocada com a imagem do filho caçula com um rifle na mão e replicou sem hesitar: “Esconda-as”, segundo o relato da nora.

Marina disse que fez o que lhe haviam mandado, pondo as fotos no fundo de um dos seus sapatos.

No dia seguinte, sábado, depois de horas de interrogatório adicional pela polícia, a sogra a procurou e lhe perguntou onde as fotos haviam sido escondidas.

Marina disse que apontou seus sapatos.

“Queime-as”, ordenou Marguerite, segundo o relato de Marina. “Queime-as agora.”

Mais uma vez, de acordo com Marina, ela fez o que lhe mandaram. Naquela noite, ela e a sogra foram transferidas pelo Serviço Secreto para um pequeno motel, o Executive Inn, perto do aeroporto Love Field. Marina disse que encontrou um cinzeiro no quarto do motel, pôs as fotos nele e em seguida acendeu um fósforo, encostando a chama no canto de uma das imagens. O pesado papel fotográfico custou a queimar, ela lembrou, de modo que foram necessários vários fósforos para terminar o serviço. A sogra, mais tarde, insistiu que a decisão de destruir as imagens havia sido de Marina sozinha.²⁷ Marguerite Oswald admitiu

que ela estava no quarto e viu a nora destruir as fotos. E admitiu também que ela — não Marina — levou o cinzeiro e esvaziou-o no vaso sanitário. “Eu descarreguei os pedaços rasgados e a coisa meio queimada no sanitário”, a sra. Oswald explicou mais tarde. “E nada foi dito.”

ESCRITÓRIO DE CAMPO DE DALLAS

FBI

DALLAS, TEXAS

DOMINGO, 24 DE NOVEMBRO DE 1963

Naquele fim de semana, provas também estavam começando a sumir dos arquivos do FBI. Por volta das dezoito horas de domingo, o agente especial do FBI James Hosty foi chamado ao escritório de seu chefe, Gordon Shanklin, agente especial encarregado do escritório de campo de Dallas. Hosty conta que Shanklin empurrou um pedaço de papel sobre a mesa.²⁸

“Livre-se disso”, ordenou Shanklin. “Oswald agora está morto. Não pode haver julgamento.” Sete horas antes, Oswald fora baleado por Jack Ruby na central de polícia de Dallas, uma cena chocante captada ao vivo em rede nacional de TV.

Shanklin apontou com a cabeça o pedaço de papel e repetiu a ordem a Hosty, um sujeito de queixo quadrado, 39 anos, que entrara para o FBI uma década antes como funcionário de escritório, um trajeto de carreira tradicional para agentes de campo do bureau. “Livre-se disso”, voltou a dizer Shanklin.

Hosty não precisava que lhe dissessem uma terceira vez. Reconheceu o pedaço de papel — um bilhete escrito à mão que Oswald entregara pessoalmente no escritório do FBI no início de novembro, advertindo o bureau que parasse de perturbar sua esposa nascida na Rússia.

“Se vocês não pararem de incomodar a minha esposa, eu vou tomar as medidas necessárias”, escrevera Oswald, segundo o relato posterior de Hosty. A recepcionista do FBI que recebera o bilhete disse que pensou que ele parecia “louco, talvez perigoso”.

Hosty e Shanklin podiam muito bem imaginar o que aconteceria se J. Edgar Hoover ficasse sabendo da existência do bilhete. Era uma prova de que o bureau estivera em contato com Oswald apenas alguns dias antes do assassinato; que houvera contato face a face entre o bureau e a esposa de Oswald; que Oswald ha-

via na verdade estado lá, em pessoa, no escritório de Dallas. Falando simplesmente, o bilhete podia ser lido como prova de que o bureau — em particular Hosty e Shanklin — havia perdido a chance de impedir Oswald de ter baleado o presidente.

E o bilhete apenas insinuava a extensão da perseguição de meses a Oswald. A verdade era, Hosty e Shanklin bem sabiam, que o escritório do bureau em Dallas vinha mantendo um arquivo aberto sobre Oswald como ameaça potencial à Segurança Nacional desde março. Oswald retornara aos Estados Unidos no ano anterior à sua deserção frustrada para a Rússia, e o FBI suspeitava de que ele pudesse ter voltado para servir de espião para a União Soviética.

Shanklin continuou com os olhos fixos no bilhete, esperando que Hosty o pegasse.

Hosty tinha muita coisa a proteger — uma esposa e oito filhos em casa que dependiam de seu salário anual de 9 mil dólares.²⁹ No FBI, ordens eram cumpridas sem fazer perguntas, mesmo uma ordem grave e certamente ilegal como destruir uma peça vital de prova que envolvia um homem que acabara de matar o presidente.

Hosty pegou o bilhete e saiu da sala de Shanklin, caminhando alguns metros pelo corredor até o banheiro masculino. Entrou numa cabine e fechou a porta. Começou a rasgar o bilhete, deixando cair os pedaços no vaso sanitário branco de porcelana. Quando terminou, puxou a pesada alça de madeira da corrente de metal que acionava a descarga. Esperou um momento e puxou a corrente de novo. Mais tarde disse que queria se certificar de que não restara nenhum pedaço de papel.